



**o DEVIR do
COMUM**

ARTE PARTICIPATIVA CO-DESIGN ENVOLVIMENTO SOCIAL



TÍTULO

*O Devir do Comum
Arte Participativa, Co-design,
Envolvimento Social*

EDITORES

António Gorgel Pinto
Paula Reaes Pinto
Fundação Aga Khan Portugal

DESIGN

António Gorgel Pinto

PRODUÇÃO

A Cor Laranja | Projetos Gráficos

ISBN: 978-989-8550-93-4
DEPÓSITO LEGAL: 455894/19

O DE VIR DO COMUM

ARTE PARTICIPATIVA

CO-DESIGN

ENVOLVIMENTO SOCIAL

António Gorgel Pinto, Paula Reaes Pinto
Centro de História de Arte
e Investigação Artística
Projetos *Mais Sul* e *Catapulta*

Fundação Aga Khan Portugal
Projetos *Mais Sul* e *Catapulta*

Dália Sendra, Ana Santos, Braima Banora,
Cadija Bha, Miliano Mendes, Leandro Martins,
Isac Vieira, Chernó Djaló, Yuri Barradas,
Susana Ribeiro, Gonçalo Condéz, André Évora,
William Lopes, Marcelina, Justino Mendes,
Emília - Projeto *Mais Sul*

Eduina Vaz, Ana Fernandes, Ana Santos,
Edilson Moniz, Joice Veiga, Rodrigo Cabral,
Diogo Martins, Pedro Prazeres, Gamboa,
Fátima Gouveia, Isabel Durão - Projeto *Catapulta*

A exposição *O Devir do Comum* resulta de dois projetos de arte participativa e co-design realizados com moradores de bairros da periferia de Lisboa. O projeto *Mais Sul* foi desenvolvido nos bairros dos Navegadores e do Moinho das Rolas, em Oeiras, e o projeto *Catapulta* foi desenvolvido no bairro do Pendão, em Sintra.

Ambas as iniciativas tiveram como principal objetivo apoiar as populações migrantes e valorizar saberes através da identificação e mapeamento de técnicas, artes e ofícios desenvolvidos a partir da sua herança cultural. Este envolvimento social baseou-se na arte e no design enquanto ferramentas de reprodução do processo criativo para melhorar as competências técnicas e artísticas dos participantes, assim como para alavancar ideias de negócio que alguns produtos pudessem originar. Uma característica comum de ambos os projetos foi a realização de workshops de colaboração que reuniram diferentes perfis de participantes, incluindo a presença de moradores.

Através da reprodução fotográfica e videográfica dos workshops dinamizados, bem como pelos objetos de arte e design produzidos, a presente prática artística de envolvimento social tem como objetivo aprofundar uma estética híbrida centrada na reclamação, na representação e na eventual resolução de problemas, funcionando como um instrumento para o benefício da sociedade. Neste sentido, mais importante do que a questão disciplinar ou o próprio meio de expressão, a prática experimentada relaciona-se com questões de cidadania e de ética, assim como com uma noção específica de sustentabilidade sociocultural.

António Gorgel Pinto, Paula Reaes Pinto
e Fundação Aga Khan Portugal, 2019

CONSTRUIR A COMUNIDADE

Promover o envolvimento e a participação de todos (imigrantes e comunidade autóctone), por forma a aproximar a população em espaços físicos e tempos, que potenciem as suas relações e suporte as suas criações. Pretende-se proporcionar aos envolvidos a partilha de histórias de vida, fomentar a troca de saberes, promover a tolerância e a compaixão através de workshops e experiências conjuntas.

PRODUÇÃO

Promover o desenvolvimento de *soft skills* e *hard skills* essenciais na área artesanal, como criatividade, capacidade de iniciativa e de decisão, através da oferta de atividades, como workshops, seminários e tertúlias nas áreas específicas da arte.

COMERCIALIZAÇÃO

Atendendo o facto que o sector artesanal pertence a um nicho de mercado, segmento secundário do mercado, será necessário perceber e potenciar as cadeias de valor por forma a acolher as propostas dos indivíduos do projeto. Com isto pretende-se aumentar o rendimento dos artesãos proporcionando uma inserção favorável dos seus produtos no mercado. Passará por se mapear e caracterizar os potenciais mercados, tornar a produção rentável e identificar o perfil do consumidor dos produtos.

DESIGN

Procura-se contribuir para o entendimento da utilização contemporânea das produções, entender como e por quem vai ser utilizado, como tornar esse produto adequado à sua função e ainda que valor pode acrescentar para além da sua função (posicionamento que utiliza). Esta poderá materializar-se em artefactos físicos e digitais, paisagens sonoras, narrativas e filmes.

INVESTIGAÇÃO

Fomentando a investigação e a sua difusão contribui-se para a criação de uma narrativa e cartográfica de artistas e artesãos, das suas práticas artísticas, culturais e espaciais, procurando compreender: as influências, raízes culturais, processo de transformação dos produtos e das pessoas por via da migração, como o design contribui para a valorização dos produtos artesanais, e por fim, como esse processo tem em conta as diferentes culturas e saberes que se cruzam. Pretende-se de igual forma contribuir para a promoção do pluralismo e a formação de públicos por via da construção de um projeto educativo e melhorar as políticas de imigração e desenvolvimento local.

«Oficina do Artesanato»
Fundação Aga Khan Portugal, 2017

OFICINA DO ARTESANATO

Fundação Aga Khan Portugal

A Oficina do Artesanato é uma abordagem de trabalho desenvolvida em contexto na Área Metropolitana de Lisboa para reduzir a vulnerabilidade da população mais pobre. Entre os diferentes desafios que caracterizam os grandes centros urbanos é importante referir alguns, como a elevada taxa de desemprego juvenil, as famílias com baixo nível de rendimento e qualificação, a dificuldade em aceder a apoios sociais, e a exposição a trabalho pouco qualificado e remunerado. São áreas geográficas frequentemente habitadas por um elevado número de migrantes, acrescentando aos desafios identificados, as dificuldades de legalização e permanência no país, níveis baixos de literacia e discriminação financeira, devido à falta de histórico e, inerentemente, falta de confiança bancária, fruto de processos de imigração demasiado longos, o que limita o desenvolvimento de percursos inclusivos.

As sociedades contemporâneas são cada vez mais o reflexo da vasta pluralidade de indivíduos com origens étnicas, religiosas e culturais diferentes. O simples facto de que a diversidade está a aumentar em todo o mundo coloca a questão não apenas de aprender a viver com essa diversidade, mas aprender a viver com maior diversidade a cada ano que passa.

A gestão da diversidade cultural para a obtenção de coesão social é essencial, no entanto nem sempre é fácil, ou decorre de forma construtiva e positiva, o modo como se faz em presença. E são raras as vezes em que se valorizam as especificidades culturais, saberes e tra-

dições, particularmente de nacionais de países terceiros (NPTs) ou de recém-chegados.

Nestes contextos, o desenvolvimento e apoio de práticas migrantes é a oportunidade para contrariar as tendências negativas e uma prioridade. Esta abordagem permite identificar, estimular e apoiar as características e recursos de cada indivíduo, mas também das suas comunidades. O aguçado espírito empreendedor inerente a muitos migrantes e o seu dinamismo são, por vezes, o catalisador local de inovação devido às redes de cooperação e comércio que estabelecem.

O artesanato é um exemplo de como as heranças culturais e algumas atividades de lazer têm gerado áreas de trabalho e criatividade local, potenciando recursos e reconhecendo origens, tal como talentos e saberes. Este “saber fazer” tem uma relevância patrimonial, cultural e identitária no presente que não se esgota, mas que se abre para o futuro, porque permite reproduzir processos de valorização da diversidade, promover o crescimento e a troca de conhecimento.

Atualmente, estamos a experimentar em parceria com o Centro de História de Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora, dinâmicas de produção, de arte, design e comercialização de produtos de técnica artesanal no âmbito de quatro intervenções piloto: Mais Sul desenvolvido em Porto Salvo, concelho de Oeiras, Catapulta desenvolvido no Pendão, Transistórias desenvolvida na Tapada das Mercês e Gave desenvolvido em Queluz, concelho de Sintra. Esta abordagem colaborativa tem permitido reunir os contributos diretos de cada comunidade, contribuindo para que estas se tornem mais criativas, resilientes, autónomas, coesas e plurais.

MAIS SUL & CATAPULTA

Fundação Aga Khan Portugal

Os dois projetos piloto *Mais Sul* e *Catapulta* servem para reafirmar a herança cultural e a identidade local como recursos, já que em muitas regiões do globo este ativo ainda não é valorizado, excluindo por vezes o artesão da cadeia de valor dos próprios produtos.

Num discurso feito por Kofi Annan, Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas entre 1997 e 2006, e co-receptor do Prémio Nobel da Paz em 2001, no Centro Global para o Pluralismo em Ottawa, Canadá, 2013, o próprio referiu a necessidade de mudar a abordagem existente sobre a diversidade. Annan entende que a diversidade é encarada como um facto de concorrência e medo, e que levada ao extremo pode provocar atos de violência, extremismo e opressão. No entanto, se a diversidade estiver ancorada no respeito, na inclusão e no pluralismo pode oferecer um caminho alternativo. O compromisso com o pluralismo cria ele próprio benefícios mútuos oferecendo a cada membro da comunidade uma razão para estabelecer relações significativas e duradouras.

É com base neste princípio do pluralismo que utilizamos a cultura como meio de integração e de desenvolvimento das comunidades locais, trabalhando a partir das tradições e da diversidade local para fortalecer identidades, impulsionar a criatividade, a inovação comunitária e melhorar a qualidade de vida em contexto urbano.

De assinalar, também, que em 2018 comemorou-se o Ano Europeu do Património Cultural, no sentido de ofe-

recer aos cidadãos Europeus a oportunidade de compreenderem melhor o presente através de uma interpretação comum e mais enriquecedora do passado e de percursos migratórios.

Ambos os projetos - *Mais Sul* e *Catapulta* - têm como objetivo a criação de produtos artísticos através de um processo de co-produção local entre migrantes, neste caso afro-descendentes residentes em Portugal, juntamente com artistas e designers da Universidade de Évora. O foco é preservar memórias, percursos e representações culturais através da conceptualização e materialização da diversidade em produtos.

A Exposição *O Devir do Comum. Arte Participativa, Co-design, Envolvimento Social* procura apresentar o processo de colaboração referido, desenvolvido numa lógica museológica, com o propósito de disponibilizar para o espaço público os conteúdos co-produzidos. Esta sinergia permite criar, num espaço temporário, um polo criativo local e uma plataforma educacional potenciadora de uma abordagem holística com novos olhares, dinâmicas e partilha de conhecimento, geradores de maior riqueza intelectual, emocional, comunitária e económica.

MAIS SUL

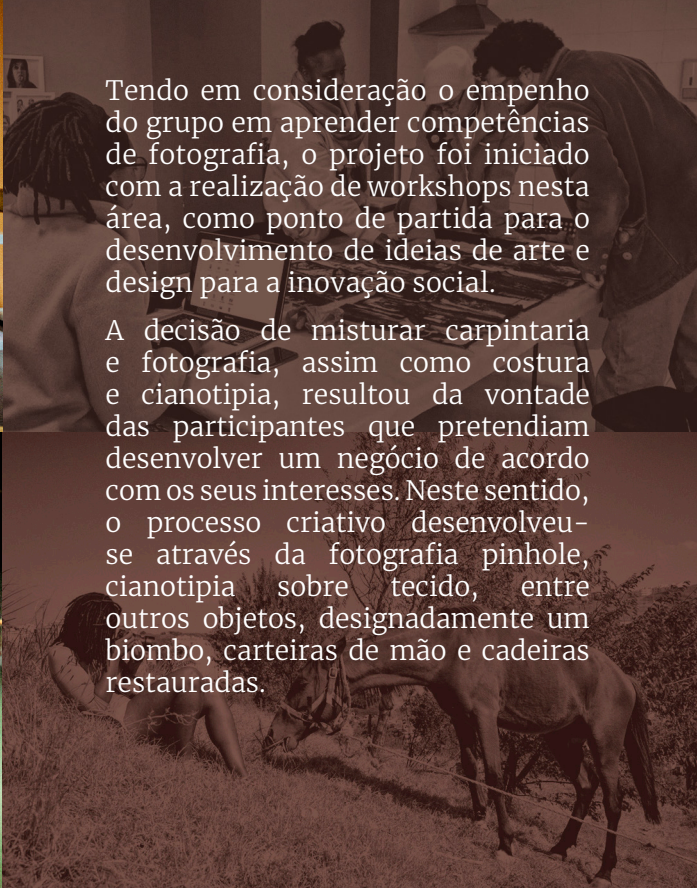
2017-2018





O processo criativo do workshop de co-design teve início com um *brainstorming* de ideias, com o intuito de comunicar as tradições dos participantes. Após muito diálogo e experimentação com o grupo, optámos por desenvolver um trabalho de poesia visual, através de expressões culturais e signos visuais.

A metodologia foi constituída por diversas fases, que incluíram, desde a realização de desenhos, frases, recortes, colagens, imagens digitalizadas, desenhos gravados em placas de linóleo, desenhos cortados a laser em placas de MDF, matrizes, pintura sobre matrizes, impressões sobre tecido e costura de sacos. O resultado final consistiu na confecção de sacos à tiracolo com imagem impressa – poesia visual.



Tendo em consideração o empenho do grupo em aprender competências de fotografia, o projeto foi iniciado com a realização de workshops nesta área, como ponto de partida para o desenvolvimento de ideias de arte e design para a inovação social.

A decisão de misturar carpintaria e fotografia, assim como costura e cianotipia, resultou da vontade das participantes que pretendiam desenvolver um negócio de acordo com os seus interesses. Neste sentido, o processo criativo desenvolveu-se através da fotografia pinhole, cianotipia sobre tecido, entre outros objetos, designadamente um biombo, carteiras de mão e cadeiras restauradas.

CONSERVAÇÃO CRIATIVA: O PATRIMÓNIO COMO MUDANÇA E INOVAÇÃO

Paulo Simões Rodrigues
CHAIA/Universidade de Évora

No início do século XXI, com a globalização da noção de património, verificou-se uma alteração na relação de indivíduos, grupos e comunidades com a permanência no presente de vestígios materiais, memórias e práticas sócio-culturais do passado que o historiador francês Pierre Léon descreveu como a transição de um património herdado para um património reivindicado (Léon, 2005), em que tudo é suscetível de ser património (Hartog, 2003). Pierre Léon assinalava, desta maneira, o modo como as sociedades contemporâneas tinham passado de um património nacional e estatal, material e visível, decorrente de um discurso normalizado e autorizado pelas entidades e pelos agentes públicos responsáveis pela sua identificação, classificação e conservação, para um património de tipo social e comunitário, invisível e simbólico, pelo qual se vão configurar e reconfigurar memórias e identidades individuais e de grupo.

Assistiu-se, assim, paralelamente à sua definição enquanto conceito operativo de conhecimento e conservação do passado, ao surgimento de um entendimento do património como significação (ou re-significação) e uso do passado no presente (Harrison, 2013). Nesta nova perspectiva, o património consiste num processo de apropriação do passado pelo presente, necessaria-

mente mais plural e subjectivo, frequentemente com objectivos de empoderamento sócio-cultural, político e até económico de indivíduos e grupos (Stephens & Tiwari, 2015). Acresce a possibilidade desse processo de apropriação do passado pelo presente ter um carácter criativo ou recriador que está para além das convenções da narrativa da historiografia empírica e de uma ideia de autenticidade que foca a conservação na preservação ou no restauro das condições físicas ou das circunstâncias originais do bem patrimonial, fixando-o num determinado intervalo temporal (Escobar Castrillón, 2016).

A conservação patrimonial pode também ser uma intervenção ou acção criativa desenvolvida a partir de uma permanência cultural, desde que esta seja a forma mais eficaz de manter ou restaurar a memória daquele passado no presente e de demonstrar o seu significado (Loureiro, Triães, Falcão, 2016). Uma conservação criativa que se distingue por não intervir, mesmo que criticamente (Escobar Castrillón, 2016), numa realidade física pré-existente, mas incidir na manutenção ou restabelecimento de valores, filosofias, práticas sócio-culturais e saberes-fazer através da sua utilização na criação de novos produtos e actividades (Ganiatsas, 2019). Esta abordagem criativa do património permite que este não seja uma resistência à mudança e à inovação, mas, pelo contrário, as integre em processos de conservação dinâmicos, tornando-as menos disruptivas e mais sustentáveis.

Os projectos *Mais Sul* e *Catapulta*, desenvolvidos pelos investigadores António Gorgel Pinto e Paula Reaes Pinto, em colaboração com as comunidades do bairro dos Navegadores e do Moi-

no das Rolas, no município de Oeiras, e do bairro do Pendão, no município de Sintra, com a Fundação Aga Khan e com o Centro de História de Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora, cujos resultados o presente catálogo regista e preserva para memória futura, mostram, precisamente, o que a conservação criativa poderá ser enquanto factor de inovação, sustentabilidade e integração social.

Ao terem como objectivo contribuir para a integração sócio-cultural e sustentabilidade económica das comunidades migrantes da área metropolitana de Lisboa através da identificação, mapeamento e aplicação da sua herança cultural no que respeita às artes, às técnicas e aos saberes-fazer tradicionais, os projectos *Mais Sul* e *Catapulta* evidenciam as potencialidades do património no que respeita à transformação do presente por meio da reconfiguração de identidades individuais e de grupo, e do uso do passado para criar possibilidades de futuro.

Escobar Castrillón, Natalia (2016). Allegorical History. OBL/QUE. Critical Conservation. Havard, Havard Graduate School of Design. 6 e 7.

Ganiatsas, Vassilis (2019). Creative Conservation of Heritage Values: Philosophical Interpretations and Architectural Interventions. London: Routledge.

Harrison, Rodney (2013). Heritage: Critical Approaches. Abingdon: Routledge.

Hartog, François (2003). Régimes d'historiatié. Presentisme et expérience du temps. Paris: Le Seuil.

Léon, Pierre (2005). Preface. in Sire, Marie Anne, Le France du Patrimoine. Les choix de Mémoire. Paris: Gallimard.

Loureiro, L., Triães, R. & Falcão, C. (2016). Educational tools for involving higher degree students within the Project Creative Conservation. New Trends and Issues Proceedings on Humanities and Social Sciences. 8, 32-40.

Stephens, John, Tiwari, Rena (2015). Symbolic estates: community identity and empowerment through heritage. International Journal of Heritage Studies. 21:1, 99-114.





Projeto Mais Sul, 2017-2018
Workshop no Bairro dos Navegadores

ARTE E CIDADANIA

António Gorgel Pinto

Paula Reaes Pinto

CHAIA/Universidade de Évora

CHAUD/Faculdade de Arquitetura de Universidade de Lisboa

Arte é arte apenas na medida em que se recusa a ser útil? Ou podem as práticas artísticas servir um propósito mais amplo no mundo? A arte é parte integrante do processo social, económico e político. A arte é melhor compreendida através do seu diálogo com a esfera social, e não como uma “coisa em si”.

Aikens, Lange, Seijdel, Thijs 2015

Na condição moderna, a arte era isolada, funcionando, muitas vezes, como um espelho crítico da realidade. Esta relação reflexiva não desaparece necessariamente quando se olha para a arte através do seu uso, apenas este momento de reflexão é incorporado em relações sociais e culturais. A arte encontra a sua especificidade no diálogo com outros tipos de relações. Neste sentido, embora a arte seja um domínio particular, a sua especificidade consiste na capacidade de relacionar os diversos âmbitos, económico, político e social, promovendo uma nova compreensão do uso da arte (Aikens, Lange, Seijdel, Thijs 2015).

Partindo do pressuposto de que tudo é percebido como uma dinâmica de interconexões, o carácter relacional do pensamento funciona como um meio de gerar conhecimento. Neste contexto, o ser autónomo e isolado dá lugar ao ser relacional e interdependente, valorizando o diálogo e a interação. Este entendimento repercute-se na esfera artística, nomeadamente através

de práticas de colaboração, baseadas numa abordagem empática, de carácter aberto, e cuja estética se alicerça no paradigma de escutar e dialogar com os outros, dando-lhes voz. Esta metodologia promove uma relação recíproca de experiências que se propaga do indivíduo para o coletivo de uma comunidade, e conduz à constituição de identidades ancoradas no processo comunicativo da nossa intersubjetividade (Gablik 1992).

O desenvolvimento de práticas artísticas focadas na ação social com o objetivo de contribuir para a inovação e a sustentabilidade sociocultural da sociedade é um fenómeno eclético que ocorre de modo sistemático em diversas áreas de expressão, como as artes visuais e as artes performativas. Neste âmbito, tornou-se frequente o cruzamento entre diferentes disciplinas artísticas, e a exploração dos respetivos meios de expressão, com o intuito de serem produzidas reflexões e ações de apoio ao desenvolvimento social.

Uma particularidade comum às diversas expressões de arte baseada no trabalho com comunidades é o facto de decorrer em longos períodos de tempo, uma vez que compreende a construção de um “espaço intermédio” onde ocorre a dinâmica resultante da interação entre todos os envolvidos nos projetos. Este espaço é inicialmente caracterizado por relações distantes porque as pessoas não se conhecem, mas à medida que se vai constituindo o diálogo, partilham-se cumplicidades e criam-se laços que diluem a distância e fomentam a proximidade entre os participantes (Casal 1997, 1994 e Schneider 2006).

A metodologia e os métodos utilizados no decurso das ações são outras características que demonstram a multiplicidade de qualidades que são decisivas

no processo criativo, designadamente o planeamento das várias fases que compõem o projeto, a coordenação de cada atividade, a interação com outras entidades parceiras na implementação do programa definido, a vertente performativa e participativa presente nos eventos associados ao projeto, assim como toda a comunicação e disseminação do projeto, através de um arquivo de elementos visuais, audiovisuais e multimédia.

Segundo Lacy (1995), um aspeto central na arte com objetivos sociais é o espaço em que decorre a experiência estética, tendo em conta que a questão determinante é a sinergia que resulta da colaboração entre os participantes, os artistas e os promotores do projeto, através de opções definidas em colaboração, num contexto de promoção da criatividade. Este modelo relacional, pautado por interesses sociais partilhados e pelo desenvolvimento de uma sensibilidade ética comum, caracteriza o artista enquanto ativista social, expandindo a sua função e a da arte na esfera do interesse público.

Importa, ainda, salientar os propósitos definidos para cada projeto artístico de ativismo social, cujo alcance é uma condição importante para clarificar a qualidade da prática desenvolvida, bem como a possibilidade de terem sido criadas condições para que a comunidade possa dar continuidade à iniciativa criada. Tal como definido na fase inicial de projeto é importante que este seja reconhecido pela comunidade e que contribua para a sua sustentabilidade social e cultural, quer seja através da continuação do projeto nos mesmos moldes, quer seja pela abertura da comunidade ao desenvolvimento de outras iniciativas artísticas.

Paralelamente, através da disseminação de cada ação e do respetivo processo, por intermédio de um arquivo de imagens, vídeos, entre outros meios de expressão que testemunhem as experiências ocorridas, é possível reproduzir um processo de transformação da sociedade. Assim, o conjunto de imagens de representação de cada projeto social, para além de representar o momento final de cada intervenção, é também, um ponto de partida para incentivar a reflexão da sociedade, a qual se pretende sensibilizar para a importância de promover ações artísticas para a inovação social junto de comunidades vulneráveis.

Aikens, A.; Lange, T.; Seijdel, J.; Thije, S., (2015). *What's de Use? Introduction* (eds). *What's the Use? Constellations of Art, History, and Knowledge*. Valiz, Amsterdam, pp. 8-13.

Casal, A. (1997). *Suportes Teóricos e Epistemológicos do Método Biográfico* in *Trabalho de Campo, Ethnologia*, nova série, no 6 – 8, pp. 94.

Gablik, S., (1992). *Connective Aesthetics*. *American Art*, Vol. 6, No. 2 (Primavera), pp. 2-4, 6.

Lacy, S., (1995). *Cultural Pilgrimages and Metaphoric Journeys* in Suzanne Lacy (ed.). *Mapping the Terrain*. New Genre Public Art. Bay Press, Washington, pp. 19-47.



Projeto *Catapulta*, 2018 -2019
Bairro 6 de Maio, fotografia pinhole



(RE)PENSAR A SUSTENTABILIDADE

Inês Veiga

CIAUD/Faculdade de Arquitetura
da Universidade de Lisboa

A sustentabilidade pode ser descrita como uma lente com a qual podemos pensar e redesenhar situações reais do quotidiano. Mostra-nos de maneira estrutural as formas particulares que temos de relacionar e organizar recursos materiais, espaciais, humanos, conhecimentos. E de que forma estas se reproduzem em hábitos, práticas específicas, maneiras de fazer ou saberes fazer característicos/próprios de lugares e histórias. Se ampliarmos a lente, vemos qual o objetivo desses ecossistemas, sociedades e economias, e quais os seus resultados mais diretos e indiretos físicos, materiais, técnicos, formais, funcionais, emocionais. Benéficos ou não. Para quem? Para quê? Porquê? Como? Começamos a perceber que há muitas formas de sustentar vida e de viver, com implicações e consequências sérias, muito complexas ou que nos ultrapassam.

A sustentabilidade vem (re)lembrar-nos que qualquer ideia de desenvolvimento ou bem-estar gera ou contém um determinado contexto de relações sociais, económicas e ambientais, portanto, nunca está desligada da convivência interdependente, mútua e maior, que temos com tudo e todos. Quanto mais curiosos formos em identificar essas relações, podemos ver de forma mais clara os fios condutores das coisas e começar a colocar questões. Que outras situações fariam mais

sentido? Que pequenas alterações ao quotidiano podemos introduzir neste ecossistema, nesta sociedade, nesta economia?

Quando sabemos que 80% do impacto ambiental dos produtos e serviços que fazem parte da nossa vida é determinado na fase de concepção percebemos como a sustentabilidade é um desafio de design¹. Um desafio precisamente sobre essas formas como se organizam e compõem relações físicas, materiais, técnicas, formais, funcionais, emocionais, e que o design articula enquanto capacidade para ver como elas são e imaginar como podem ser.

O designer acredita sempre que é possível fazer qualquer coisa. Mas tem aprendido que o futuro está intimamente ligado às decisões que fazemos todos os dias. A micro escala de organização e composição das coisas não é diferente da macro escala das redes e da multiplicação “trans-local”, portanto, o futuro inclui-nos a todos mas estrutura-se de forma plural e através de cada um de nós². Assim, os designers têm aprendido que só em conjunto com os protagonistas das situações reais do quotidiano, será possível experimentar, falhar e a voltar a tentar para que se mude o que houver para mudar, para que se mantenha o que houver para manter.

Uma ideia chave, expressa por alguns autores, será mobilizar o passado e o presente para gerar necessidades e valores culturais e materiais que tenham sentido e relevância sustentável para essa situação e não sejam meras importações de desejos ou propostas formatadas³ (Jégou, e Manzini, 2009; Fry, 2009). Será assim que se ensaiam futuros dentro dos próprios limites e oportunidades para crescer num espírito de

desenvolvimento e não apenas de sobrevivência a qualquer custo⁴ (Mazé, 2013). (Re)pensar ‘a’ situação com a lente da sustentabilidade tem subjacente o princípio ético de pensar o futuro ‘na’ situação, portanto, as estratégias mais radicais de design são precisamente aquelas que consideram a “re-produção” e o “cuidado” como valores fundamentais de ação, pensamento e concretização, além de “eficiência” ou “suficiência” mais imediatos.

Contudo, o local tende a isolar-nos, por isso, uma outra ideia chave está precisamente no princípio da interdependência. Relacionar o que fazemos com outros locais será aquilo que fará com que o “micro” deixe de ser uma prática “pequena” ou “menor”, mas se torna uma posição em que estamos mais próximos de ver o ‘como’, ‘onde’ e ‘com quem’ as decisões estão a ser estruturalmente tomadas (Mazé and Ericson, 2011). A sustentabilidade é, assim, não apenas um horizonte ou um objetivo, mas um meio/modo de agir cujos princípios de regeneração ambiental, diversidade económica, dignidade social e liberdade cultural, são práticas que podemos escolher (re)fazer todos os dias.

Sendo o design essa capacidade comum a todos os seres humanos de relação e adaptação ao meio, do que estamos à espera?

¹ Ver Design Council (2002). Annual Review 2002, Londres. p.19 in Thackara, J., In the bubble: designing in a complex world. 2005. p.17.

² Numa entrevista com Mazé and Ericsson (2011), a arquitecta e investigadora Doina Petrescu introduz o termo “trans-local” para definir o modo de acção do estúdio atelier d’architecture autorgerée (aaa) que fundou com Constantin Petcou. De acordo com Petrescu, o local tende a isolar as iniciativas,

contudo, através da ligação e relação com outros locais o “micro” deixa de ser uma prática “pequena” ou “menor” para começar significar que se está mais próximo do ‘como’, ‘onde’ e ‘com quem’ todas as situações estruturalmente se operam (Mazé and Ericson, 2011, p.90).

³ Enquanto Jégou e Manzini (2009, p. 30) referem as “Comunidades Criativas”, ou grupos de pessoas que cooperativamente inventam novas formas de viver ao recombinar o que já existe sem esperar por mudanças no sistema (político, económico, das instituições ou grandes grupos sociais), Fry (2009, p. 101) aponta afirmativamente que mobilizar o conhecimento do passado e do presente para criar necessidades que marginalizem e se dissociem de desejos importados, orienta possíveis redirecções do futuro.

⁴ De acordo com Ramia Mazé, o conceito de “Comunidades sustentáveis” na Europa, define-se enquanto estratégias pró-crescimento para (re)desenvolver as economias de locais e dentro dos seus próprios “limites de crescimento”. Significa que as condições reais locais, geográficas e de recursos, são tomadas em conta no desenho de políticas de desenvolvimento desses mesmos locais (Mazé, 2013, p. 98).

Fry, Tony. (2009). Design Futuring. Sustainability, Ethics and New Practice. Bloomsbury: New York

Jégou, F. e Manzini, E. (2009). Collaborative Services. EdiPoli: Milano

Mazé, R. (2017). Who is sustainable? Querying the politics of sustainable design practices. In Mazé, R., Olausson, L., Plöjel, M., Redström, J e Zetterlund, C., (2013). Share this Book. Critical perspectives and dialogues about design and sustainability. Axl Books.

Mazé, R. and Ericson, M. (2011). Design act: socially and politically engaged design today: critical roles and emerging tactics. Stockholm: Iaspis.



Projeto Mais Sul, 2017-2018
Saco com poema visual



Projeto *Catapulta*, 2018-2019
Caminho (mala com cianotipia)



Projeto *Catapulta*, 2018-2019
Objeto Emoção (cadeira restaurada e cianotipia)



Projeto *Catapulta*, 2018-2019
O Devir do Comum (biombo, tecelagem e cianotipia)

DO MAIS SUL AO GLIM

Graciete Borges

Técnica de Educação Social

Coordenadora do Projeto Embarca

(Escolhas 6ª geração – Bairro dos Navegadores)

No âmbito da ação da Fundação Aga Khan em Porto Salvo, cofinanciada pelo CLDS 3G, o Projeto Embarca dinamizou várias iniciativas artísticas, entre as quais o projeto *Mais Sul* e a criação da marca Glim, que decorreram com parceiros diferentes. Estes foram dois projetos que permitiram aos jovens do Bairro dos Navegadores, conjuntamente com pessoas de outras localidades, participarem na criação de produtos com identidade própria, que contam as suas histórias e das comunidades onde vivem, com base nas suas características culturais e experiências de vida.

O projeto *Mais Sul*, em parceria com a Universidade de Évora, foi constituído por um grupo de participantes de diferentes origens e idades, que permitiu a criação de produtos com características que representam a diversidade do grupo e que conta a sua história com base em expressões populares, frases que têm passado de geração em geração e que são utilizadas pelos jovens no seu dia-a-dia.

A marca Glim, uma iniciativa da Fundação Aga Khan, foi criada para garantir a sustentabilidade do processo artístico, com o intuito de envolver e responsabilizar os jovens, usando dinâmicas que fossem simples e ao alcance das suas competências. O grupo, constituído apenas por jovens do Bairro dos Navegadores, tem como principal objetivo comercializar produtos que também estão relacionados com as suas histó-

rias e com o lugar onde vivem, mas cuja finalidade é promover a melhoria dos espaços do bairro onde vivem e concretizar atividades que ainda não tiveram a oportunidade de realizar.

Na nossa perspetiva, estes dois projetos, que aconteceram em períodos e com parceiros diferentes, têm permitido aos participantes criar produtos com o apoio de pessoas especializadas e com conhecimentos técnicos em diferentes áreas do saber, tais como, o artesanato, a arte e o design, a costura, a criação de ideias de negócio. Esta metodologia tem possibilitado um trabalho continuado de aprendizagem de novos ofícios, o desenvolvimento de competências técnicas, conhecimentos de processos e etapas para a criação de iniciativas empreendedoras, tendo em vista a realização de produtos de qualidade que possam estar ao nível de outros artigos comercializados em projetos semelhantes ou no mercado em geral.

Potenciar o desenvolvimento comunitário e a inclusão económica, através de negócios que promovam a valorização das características e riquezas culturais de cada grupo ou comunidade, através da conceção e comercialização de produtos que surgem do encontro entre pessoas especializados em diferentes áreas, e jovens empreendedores, é uma forma de valorizar os saberes e ofícios locais, bem como a experiência de vida de cada participante. Este tem sido um caminho escolhido por muitas comunidades, que tem tido um impacto económico e comunitário positivo. Deste modo, acreditamos que esta poderá ser uma das chaves para o desenvolvimento comunitário do Bairro dos Navegadores e para o estímulo da economia local.

OPINIÃO DE PARTICIPANTES

Eduina Vaz

Projeto Catapulta

A minha participação no projeto *Catapulta*, caracterizado pelo diálogo, pela co-criação, e pela partilha de experiências, tornou possível repensar a criação de objetos, ideia que tenho vindo a tentar explorar há já algum tempo, fruto da minha formação em restauro.

A imagem que se criou na iniciativa de arte e design social remete-nos para o lugar, para as vivências e as emoções dos respetivos participantes, representados, muitas vezes, através de objetos do seu quotidiano.

O meio de expressão utilizado para manifestar a sinergia ocorrida entre as pessoas envolvidas no projeto, durante o processo de trabalho, foi a técnica de reprodução de imagens fotográficas em cianotipia sobre tecido, que se aplicou a todos os objetos produzidos. Foi através do conhecimento desta técnica, aprofundada por todos os participantes no decorrer de workshops, que foi possível desenvolver uma diversidade de peças, sendo umas mais de grupo, e outras mais de índole pessoal, consoante as diferentes perspetivas e interesses de cada um dos envolvidos. No entanto, o trabalho de co-criação foi transversal a todas elas.

Na minha opinião, o projeto artístico *Catapulta* constituiu a possibilidade de aprofundar aspetos sociais do bairro do Pendão e desenvolver, de uma forma mais pessoal, o gosto que tenho pelo restauro de mobiliário, criando elementos e particularidades representativas do meu olhar sobre a arte.

Miliano Mendes, 13 anos

Projeto Mais Sul

Eu acho que o projeto é importante porque aprendemos coisas novas, aprendemos a trabalhar melhor em grupo e conseguimos ganhar dinheiro com isso. Este projeto também permite transmitir uma imagem melhor do bairro e dos jovens.

Leandro Martins, 16 anos

Projeto Mais Sul

Este projeto é importante para o meu bairro porque acho que através do lucro que conseguirmos podemos melhorar alguns espaços, como por exemplo o campo de futebol e outros espaços. Este projeto também permite mostrar os talentos dos jovens e passar uma mensagem positiva sobre nós!

Isaac Vieira, 12 anos

Projeto Mais Sul

Acho que este projeto é importante porque aprendemos a fazer coisas novas como por exemplo estampagem em t-shirts e também podemos conseguir dinheiro para fazermos atividades que gostamos. Este projeto também ajuda a passarmos uma mensagem positiva do nosso bairro.

Iuri Barradas, 24 anos

Projeto Mais Sul

Está a ser bom fazer parte deste projeto porque é algo novo para mim e tenho experimentado coisas que nunca tinha feito. Acho que através do lucro que conseguirmos vamos poder criar novos produtos e utilizar o que ganharmos para fazermos atividades que gostamos.

O DEVIR DO COMUM

Arte Participativa Co-Design Envolvimento Social

Direção Regional de Cultura do Alentejo
Galeria de Exposições da Casa de Burgos
Évora | 16 de maio a 30 de junho de 2019

Objetos de Arte e Design
presentes na Exposição:

Bazof

Bairro do Pendão
Projeto Catapulta, 2018
Fotografia participativa
Impressão digital sobre PVC
Dimensões variáveis
António Gorgel Pinto,
Paula Reaes Pinto, Eduina Vaz

Pendão, 6 de Maio, Queluz

Projeto Catapulta, 2018
Fotografia estenopeica participativa
Impressão digital sobre PVC
Dimensões variáveis
António Gorgel Pinto,
Paula Reaes Pinto, Ana Fernandes,
Eduina Vaz

Retratos e Ofícios

Projeto Catapulta, 2017-2018
Fotografia participativa
Impressão digital sobre PVC
Dimensões variáveis
António Gorgel Pinto,
Paula Reaes Pinto, Ana Fernandes

Caminho

Projeto Catapulta, 2018-2019
Protótipo, co-design,
fotografia, costura
Cianotipia sobre tecido, feltro, cortiça
Dimensão: 3 x (15x27,5x15 cm)
António Gorgel Pinto,
Paula Reaes Pinto,
Eduina Vaz (co-design, cianotipia),
Ana Santos (costura)

Objeto Sentimento

Projeto Catapulta, 2018-2019

Co-design, restauro de cadeiras, fotografia,

Cianotipia sobre tecido, madeira

Dimensão: 3 x (88x40x40 cm)

Eduina Vaz (co-design, cianotipia, restauro)

António Gorgel Pinto,
Paula Reaes Pinto (co-design, cianotipia)

O Devir do Comum

Projeto Catapulta, 2018-2019

Protótipo, co-design, fotografia, tecelagem

Cianotipia sobre tecido, madeira

Dimensão: 190x153x4 cm

António Gorgel Pinto,
Paula Reaes Pinto (co-design, fotografia, cianotipia, tecelagem),
Ana Fernandes, Eduina Vaz (co-design, fotografia, cianotipia)

Emancipação e Criatividade

Projeto Mais Sul, 2017-2018

Co-design, fotografia

Impressão digital sobre PVC

Dimensões variáveis

António Gorgel Pinto (co-design, fotografia, pós-produção)
Paula Reaes Pinto (co-design, pós-produção)

William Lopes, Yuri Barradas, Susana Ribeiro, André Évora, Miliano Mendes, Leandro Martins, Isac Vieira, Chernó Djaló, Gonçalo Condéz, Marcelina, Emília, Justino Mendes, Ana Santos, Dália Sendra, Braima Banora, Cadija Bha (co-design)

Mais Sul

Projeto Mais Sul, 2017-2019

Co-design, Vídeo HD

Duração: 16m

António Gorgel Pinto
(co-design, captação de vídeo, pós-produção de vídeo)

Paula Reaes Pinto
(co-design, captação de vídeo)

Ana Santos, Dália Sendra, Braima Banora, Cadija Bha, William Lopes, Yuri Barradas, Susana Ribeiro, André Évora, Miliano Mendes, Leandro Martins, Isac Vieira, Chernó Djaló, Gonçalo Condéz, Marcelina, Emília, Justino Mendes (co-design)

Sacos com poema visual

Projeto Mais Sul, 2018

Co-design, xilogravura, linogravura, poesia visual, costura

Impressão sobre tecido

Dimensão: 44x39x8 cm

António Gorgel Pinto, Paula Reaes Pinto, William Lopes, Yuri Barradas, Susana Ribeiro, André Évora, Miliano Mendes, Leandro Martins, Isac Vieira, Chernó Djaló, Gonçalo Condéz, Marcelina, Emília, Justino Mendes (co-design, xilogravura, linogravura, poesia visual)

Ana Santos, Dália Sendra, Braima Banora, Cadija Bha (co-design, xilogravura, linogravura, poesia visual, costura)



CHAIA
CENTRO DE HISTÓRIA DA ARTE
E INVESTIGAÇÃO ARTÍSTICA



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

CiAUD
Centro de Investigação
em Arquitetura, Urbanismo e Design

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Lisb@20²⁰

PORTUGAL
2020



REPÚBLICA
PORTUGUESA



ISS
INSTITUTO DA SEGURANÇA SOCIAL, I.P.

Programa
CLDS
Iniciativa de Apoio à Inovação e ao Empreendedorismo



FUNDAÇÃO AGA KHAN
Portugal



